

A especificidade da memória em psicanálise

The specificity of memory in psychoanalysis

Angela COUTINHO*

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE IRACY DOYLE (SPID/BRASIL)

UNIVERSIDADE DE SANTA URSULA (USA/BRASIL).

RESUMO

O artigo trata da especificidade da memória em Psicanálise, referida à memória inconsciente, memória de traços e de diferença. A originalidade da concepção freudiana de memória é ser fundada nos diferentes arranjos das vias associativas, isto é, na diferença, não constituindo marcas que reproduzem, por semelhança, a realidade. A memória é memória da diferença, da diferença em si, como primeira, como princípio de constituição do psiquismo. Memória é movimento e implica em associações e relações numa combinação móvel e constante. Em Psicanálise, trata-se de memória-duração, que persiste e insiste continuamente, nunca a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Memória. Traços. Diferença. Movimento.

*Sobre a autora ver página 74.

ABSTRACT

The article deals with the specificity of memory in psychoanalysis, referred to the unconscious memory, memory of traces and difference. The originality of the Freudian conception of memory is to be founded on different arrangements of associative paths, ie, the difference does not constitute marks reproducing by similarity to reality. The memory is memory of the difference, the difference itself, as the first, as a principle of the constitution of the psyche. Memory is motion and involves associations and relationships in combination moving constant. In psychoanalysis, it is about memory-duration persisting and continually insists, never the same.

KEYWORDS: *Psychoanalysis. Memory. Traces. Difference. Movement.*

1 Considerações iniciais

Memória em Psicanálise não se confunde com memória como acumulação de fatos armazenados em arquivos na mente, que podem ser revisitados enquanto tais. A prática psicanalítica se baseia numa concepção original de memória que possibilita pensar esta prática como transformadora, e não como mera constatação do que existe, ou seja, mero processo de autoconhecimento, pela escavação dos subterrâneos da mente, levando a uma atualização dessa memória arquivo. A originalidade da concepção de memória em Psicanálise aponta numa outra direção.

Vou partir dos primórdios da Psicanálise para daí traçar a especificidade da memória nesse campo.

Para pensar a gênese do sujeito humano possuidor de um inconsciente e de uma sexualidade, Freud inicialmente elabora uma “teoria da sedução”, partindo da suposta realidade efetiva de uma sedução cometida por um adulto significativo, na maior parte das vezes, o pai. Com esta teoria, ele pretende explicar a totalidade da psicopatologia pela noção de recalçamento. A Teoria da Sedução pressupõe um trauma sexual infantil, que vai engendrar o recalque, e cuja permanência no inconsciente vai gerar os sintomas histéricos. É a Teoria do Trauma que se liga à sedução infantil. Desse modo a Teoria da Sedução não é a simples

afirmação da realidade dos fatos da sedução. No seu desdobramento, trata-se de uma teoria original e complexa que se desenvolve nos registros temporal, tópico e tradutivo (LAPLANCHE, 1988, p. 108).

Freud, ao renunciar à Teoria do Trauma – como acontecimento real –, que seria o termo último a ser disfarçado, passa a substituí-lo pelo conceito de fantasma, onde tudo é disfarce e máscara, tudo é interpretação. A própria noção de original, embora seja uma preocupação constante em Freud, nunca é inteiramente elucidada. Esse termo, último ou primeiro – alternando-se entre factual, efetivo, filogenético, mítico –, é algo que sempre escapa, que fica como resto, como enigma. Esse resto pode ser pensado como o não simbolizável, isto é, o significante – des-significado (LAPLANCHE, 1987, p. 156). De qualquer modo, esse resto vai ser preenchido pelo fantasma, que é em si interpretação, encenação em torno desse vazio de significado, vazio ao redor do qual gravita.

Nada sabemos nem saberemos sobre o que é original, o evento passado, o trauma em si. Está perdido para sempre. Esteve perdido desde sempre. Não dá para recuperar. Além disso, o tempo é irreversível. A memória é, assim, construída em torno desse indecifrável sem volta.

Alguns pontos integrantes da Teoria da Sedução se mantiveram atuais na obra de Freud, mesmo após o abandono dessa teoria, que era apoiada em fatos reais. Os aspectos temporal, tópico e tradutivo permaneceram como uma aquisição da Psicanálise: a teoria do *a posteriori* ou do traumatismo em dois tempos, a noção de localização tópica, laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas e a perspectiva da memória como diferença, como criação permanente.

O aspecto temporal, o *a posteriori*, permanece como linha diretiva do pensamento e da prática psicanalítica. A construção da realidade psíquica e da fantasia introduz uma novidade quanto à questão da origem. Embora Freud jamais tenha desistido de sua busca, no sentido de um realismo factual, há outros indícios que nos permitem deslocar a problemática da origem. Não se trata mais da realidade material, que possibilitaria situar um ponto zero – historicamente determinado (onto

ou filogeneticamente). Com a noção de realidade psíquica, há um deslocamento da busca de uma história cronológica para um traçado genealógico, cujo começo é de onde se parte, do ponto de vista de chegada. Uma organização psíquica remete sempre a interpretações sucessivas, numa cadeia interminável. Se é em torno do enigma que essa organização se dá, esse enigma será sempre passível de nova interpretação, sempre outra. A formulação da origem como produção não se confunde com a pretensão de se chegar às origens.

Desse modo, a noção de *a posteriori* não postula uma primeira ocorrência, mas uma sucessão de cenas, cuja tensão tradutora entre elas é configurada como *a posteriori*. A noção de *a posteriori* implica numa tensão entre os acontecimentos, que é explicada pelo modelo tradutivo.

2 Aspecto Tradutivo: Aparelho da Memória no Modelo da Carta 52.

A *Carta 52* de Freud a Fliess, datada de 6 de dezembro de 1896, ou seja, em pleno período de desenvolvimento da Teoria da Sedução, apresenta um modelo de aparelho psíquico formado por um processo de estratificação, explicativo da noção de *a posteriori*. Nessa carta, Freud levanta a hipótese de que “[...] nosso mecanismo psíquico se forma por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição” (FREUD, 1896, p. 281). A novidade dessa hipótese é “a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (p. 281).

Havendo pelo menos três registros, eles encontram-se separados de acordo com os neurônios que são seus veículos. Trata-se de um modelo semiológico (plano de linguagem que inclui todos os modos articulados de comunicação), onde Freud enfatiza as noções de “signo, inscrição e transcrição”.

A organização do aparelho psíquico, assim, tem início nos neurônios que dão origem às percepções, constituindo o sistema W

(responsável pelas percepções, mais tarde denominado sistema perceptual consciente, Pcpt.Cs). Estas se ligam à consciência, embora não conservem nenhum traço dos acontecimentos, uma vez que consciência e memória são mutuamente excludentes. A percepção implica numa permeabilidade constante, o que possibilita a recepção de novos estímulos. As percepções pressupõem uma presença que é captada no confronto com o novo, a impressão do mundo exterior.

A partir das percepções, a memória vai se fazendo, a princípio pela inscrição das percepções, inacessível à consciência e articulada segundo associações por simultaneidades sincrônicas. Formam os “signos das percepções” (WZ), que constituem o primeiro registro mnêmico. Estão no presente sem estarem, necessariamente, na presença, isto é, estão à disposição, atualizados, constituindo uma memória perceptual (KATZ, 1993, p. 289).

O registro seguinte, da inconsciência (Ub), é uma segunda inscrição, ordenada, talvez, segundo relações causais, ligada a traços conceituais. Igualmente sem acesso à consciência. A terceira transcrição é pré-consciente (Vb), ligada às representações verbais (representações-palavras), correspondendo a nosso eu oficial. A partir desse pré-consciente, os investimentos tornam-se conscientes segundo certas regras. Dos três registros assinalados por Freud, este é o único capaz de acesso à consciência.

Desse modo, os diferentes registros se sucedem no tempo, num reordenamento constante e são constituídos de sinais, de traços de natureza diferente. Os sinais linguísticos aparecem com a terceira reescritura, a do pré-consciente. A passagem de um sistema a outro pressupõe uma nova inscrição, segundo um código heterogêneo àquele que o precede, sendo o recalçamento, isto é, a manutenção no inconsciente, o fracasso, o obstáculo, a recusa da tradução (LAPLANCHE, 1988, p. 93).

A importância desse modelo é a apresentação do aparelho psíquico se originando nas percepções, constituindo a partir daí signos que serão inscritos e retranscritos num processo de reordenação sem fim. Os sucessivos registros correspondem a conquistas psíquicas de épocas

sucessivas da vida, devendo ocorrer uma tradução do material psíquico na fronteira entre essas épocas. Essa tradução equivale a um reordenamento (retranscrição) desse material, e a constituição da memória, como algo não imutável, ao contrário. Memória, nessa perspectiva, implica em processo criativo.

No caso das psiconeuroses, essa tradução falha, para evitar o desprazer que seria gerado por uma tradução. Trata-se de uma defesa – que Freud concebe nessa época como patológica – contra um traço de memória de uma fase anterior – traumática –, que ainda não foi traduzido. Por faltar uma transcrição subsequente (em função da defesa), a excitação é manejada obedecendo às leis que vigoravam no período anterior. Desse modo, há um anacronismo no sentido de persistir organizações anteriores, caducas em relação à realidade.

Se um determinado evento desperta certa quantidade de desprazer, em seu registro mnêmico é inibida a produção de desprazer quando a lembrança é redespertada, num processo natural de desgaste. Contudo, se um evento produziu desprazer e, ao ser redespertado, produz um novo desprazer, pode-se afirmar que a lembrança se comporta como se tratasse de evento atual. Isso ocorre em relação a eventos sexuais, em função da magnitude das excitações que eles causam, aumentando com o tempo. Desse modo, um evento sexual ocorrido numa fase determinada pode atuar sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual, não sendo passível de inibição. A defesa patológica (recalque) é determinada pela natureza sexual do evento ocorrido numa fase anterior. FREUD, 1896). As experiências sexuais podem provocar prazer ou desprazer ou ambos, isto é, podem ter gerado prazer quando ocorreram e desprazer quando são lembradas. Nesse caso, estão liberando, numa época posterior, um desprazer que não foi liberado em primeira instância. Desse modo, são os afetos sexuais e sua dinâmica produzida pelo diferencial prazer/desprazer, isto é, a sexualidade e sua dinâmica, que determinam o mecanismo do recalque. A teoria da memória em Freud se acha intimamente ligada à questão da repetição.

3 Teoria da Memória, Repetição e Princípio da Diferença.

A Teoria da Memória elaborada por Freud¹ não se confunde com memória-lembrança, memória da consciência. A memória a que Freud se refere é memória inconsciente, memória de traços e de diferenças. A condição para que a memória se constitua é o investimento, isto é, a ligação de uma energia psíquica a uma representação ou a força/intensidade de uma representação.

Derrida ([1967] 1971) pensa a representação da memória como traço que não pode ser recuperado como presença elementar. A memória é memória da diferença. Desse modo, “a vida psíquica não é nem a transparência do sentido nem a opacidade da força, mas a diferença no trabalho da força” (p.185).

Falar em trabalho das forças é falar em movimento. Memória em Psicanálise, portanto, não é algo estático, e sim dinâmico. Memória é movimento, implicando em associações e relações numa combinação móvel e constante.

A originalidade da concepção freudiana de memória é ser fundada nos diferentes arranjos das vias associativas, isto é, na diferença, não constituindo, assim, marcas que reproduzem, por semelhança, a realidade. Para Freud ([1895] 1976, p. 344), “a memória está constituída pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios.” O traço mnêmico se constitui como uma diferença entre as facilitações, marcando as vias preferenciais de um caminho em detrimento de outros. E essas vias, embora preferenciais, jamais se reproduzem como cópias. É na diferença que elas se repetem. A noção de diferença é aqui fundamental. Diferença não em relação a entidades previamente existentes, mas diferença como princípio de constituição do psiquismo. A trama das facilitações é um sistema de diferenças (GARCIA-ROZA, 1991, p. 202). Por um lado, temos a recepção permanente de novos estímulos pela via da percepção, havendo sempre a possibilidade da inscrição de novos traços; por outro lado, temos a permanência de traços já inscritos que constituem a memória. Como articular as funções da percepção e da memória? Qual

¹ Sobre a questão ver Nachbin (1990).

a influência das novas percepções na memória já dada, e, inversamente, qual a influência da memória nas novas percepções? E, sobretudo, existe possibilidade de se alterar a memória?

Desde o *Projeto*, Freud se depara com uma dificuldade para explicar a memória: como se pode conceber que, após a excitação, os neurônios fiquem permanentemente modificados em relação a seu estado anterior, ao mesmo tempo em que as novas excitações encontram nos neurônios as condições anteriores de recepção? Os neurônios são influenciados e inalterados, constituindo, assim, um paradoxo que Freud soluciona separando duas classes de neurônios: neurônios permeáveis e neurônios impermeáveis. O aparelho psíquico é assim impermeável e, ao mesmo tempo, capaz de condução. Impermeabilidade que implica em alteração permanente, uma vez que a excitação deixa marca.

No *Projeto*, aparece a noção de traços mnêmicos, através dos quais os acontecimentos psíquicos ficam permanentemente gravados na memória. Esses traços mnêmicos se constituem como neurônios impermeáveis, em contraposição aos neurônios permeáveis, próprios da percepção, que implica em recepção permanente de novos estímulos. Embora os traços mnêmicos constituam marcas indelévels, não podendo ser apagadas, estas são permanentemente re-significadas, reordenadas no confronto com as impressões recentes.

A preocupação que vemos em Freud de separar percepção de memória aparece também no seu texto sobre o Bloco Mágico, de 1925, onde desenvolve um aparelho mental que “possui uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis” (FREUD, 1925, p. 286). Nesse mesmo artigo, refere-se ao Sistema Perceptual Consciente (Pcpt.Cs) como inteiramente permeável. Ao ser catexizado, esse sistema recebe percepções que são acompanhadas de consciência, transmitindo a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes. Assim que deixa de ser catexizado, o sistema Pcpt. Cs. se detém, deixando de funcionar. Através do sistema Pcpt. Cs, o inconsciente recebe excitações do mundo externo enquanto houver catexização do sistema (FREUD, 1925, p. 286).

Derrida alia a fugacidade das impressões de superfície, que implica a manutenção da virgindade da superfície receptora, à inscrição do traço duradouro. Afirma também que “a escrita substitui a percepção antes mesmo desta aparecer a si própria. A ‘memória’ ou a escrita são a abertura desse próprio aparecer. O ‘percebido’ só se dá a ler no passado, abaixo da percepção e depois dela” (DERRIDA, [1967] 1971, p. 218-219). Para ele, a condição da escritura – que pressupõe o recalque – é não haver contacto permanente nem ruptura absoluta entre as camadas do psiquismo.

Os traços mnêmicos são imutáveis, mas formam uma rede de infinitas combinações. Essa rede é aberta à recepção de novos traços, havendo uma incessante mobilidade quanto à sua configuração. Derrida ([1967] 1971) assinala que, na *Carta 52*, “o traço começa a tornar-se escritura” (p. 192) pelas noções que são aí enfatizadas: signo, inscrição, transcrição. A ideia de escritura referida à força do trilhamento implica a conquista de um caminho, trabalho do traço mnêmico, produção.

Vimos que o primeiro registro mnêmico, funcionando como signo de percepção, ainda não é estruturado como linguagem. A impressão é exterior à linguagem e à significação. A impressão em si mesma não constitui lembrança, não podendo, portanto, ser reconstituída. Sendo considerada como um signo, a impressão é mais da ordem do sinal ou índice do que da ordem do significante. As impressões podem ser entendidas como afecções psíquicas que vão depois formar um sistema de traços. Seria possível a impressão permanecer enquanto pura intensidade, memória da pura impressão, independente do traço que a representa?

Garcia Roza discute essa questão, indagando sobre a possibilidade de a impressão ser conservada pela memória sem ser como traço ou como representação. Trata-se, aqui, da permanência de algo que não foi inscrito no inconsciente, mas que permaneceu como pura intensidade, memória da pura impressão, sem conteúdo. Se essa possibilidade for aceita, onde se conserva tal memória? (GARCIA-ROZA, 1993, p. 56).

É remetendo-se à *Carta 52* que Garcia Roza identifica as impressões como a primeira inscrição das percepções, constituindo os signos de percepção. Os traços corresponderiam às inscrições desses

signos no sistema inconsciente enquanto sistema de traços. É o que se denomina segunda transcrição de traços.

Katz (1993, p. 305) aponta a experiência do sentido, da memória não simbólica remetendo a experiências pulsionais que não se inscrevem simbolicamente, embora deixem marcas. Resolve a questão da inscrição dessas marcas recorrendo a uma noção que aparece no texto freudiano, embora pouco conhecida em função de traduções que, segundo o autor, descaracterizam-na. É a noção de representação limite. Freud aponta a existência de uma “representação-limite”, situada no entrecruzamento dos afetos e do sistema de representações. É a partir da intensificação de uma representação-limite que ocorre o recalque e daí em diante representa a lembrança recalçada. “Deve-se chamá-la representação-limite pois, por um lado, pertence ao eu consciente, por outro se constitui numa parte não distorcida de lembrança traumática” (FREUD, 1896, p. 177-178, apud KATZ, 1993, p. 305)².

As representações, nessa perspectiva, iniciam-se nessas “representações-limite”, constituindo assim um psiquismo em criação permanente e não homogêneo nem completo. Katz (1993) afirma ainda que a formação da memória é iniciada através de representações-limites, pontos emergenciais de coleções, que fabricam vazios e lacunas. Mesmo que elas devam se encontrar e se haver *a posteriori* com o sistema de significação, as lacunas e vazios não são previamente dados enquanto “conteúdos representacionais”, mas enquanto processo fabricante de diferenças (KATZ, 1993, p. 307-309).

A memória, em Freud, é memória de traços. Cada traço é traço de uma impressão, e a trama dos traços forma um texto. A impressão é considerada como o momento primário da elaboração mnêmica, isto é, são como marcas que vão formar os traços. O sistema perceptivo recebe as impressões, sendo os sistemas mnêmicos os responsáveis pela memória dos traços. Com a simultaneidade de impressões perceptivas, haverá conexão de traços, isto é, associação por simultaneidade. Sendo o traço, por sua vez, a forma pela qual a impressão mantém seus efeitos,

² Na Edição Imago, ao invés de “representação-limite”, encontra-se “idéia limitrofe” (p. 170), o que, segundo Katz (1993, p. 305), descaracteriza o pensamento de Freud.

sua constituição depende da intensidade da impressão e da repetição. Os traços de memória se formam a partir da passagem de um quantum de afeto que fica mais ou menos acumulado. A rede de traços é efeito de uma conjugação de fatores: frequência com que se repete uma impressão e mais o investimento relativo. Inscrição mais intensidade.

Na interpretação de Derrida, é a força atuante de um trilhamento que vem a constituir a memória, dependendo da intensidade da impressão e da frequência da repetição.

A intensidade da impressão possibilita a formação das barreiras de contato, que controlam o fluxo de passagem de Q (quantidade) em todas as direções, estabelecendo facilitações e resistências para tal passagem. É a diferença entre as facilitações/resistências que determina a direção do fluxo de excitação. É essa mobilidade oferecida pelas barreiras de contato que vai fazer com que a memória não seja estática, e, sim, memória diferencial, na qual os traços, de tempos em tempos, são submetidos a retranscrições (GARCIA-ROZA, 1993, p. 59). Desse modo, a memória não resulta da retenção mas das diferenças das facilitações. Trilhamento (facilitação) e diferença constituem, portanto, a memória.

O outro fator do qual depende a constituição da memória, além da intensidade da impressão, é a repetição (DELEUZE, 1968). Se o que caracteriza a memória é a facilitação do percurso em determinadas direções, e não em outras, se a memória se constitui pelas “diferenças dentro das facilitações” então como pensar a repetição dos percursos já facilitados? Uma vez sulcada a trilha – como via facilitada – essa repetição não se daria enquanto repetição do mesmo? Caso a percepção não atuasse concomitantemente à memória, a recepção de novos estímulos, suscitando novas impressões, não se daria e, por conseguinte, só poderíamos falar de repetição do mesmo, ou seja, repetição da via facilitada, uma repetição mecânica, mera reprodução. Ocorre, contudo, que essa via facilitada, ao ser repetida, já o será em confronto com outras vias, marcadas a partir das novas percepções, novas intensidades de impressão. Desse modo, a memória nunca cessa de se constituir, está permanentemente em processo de construção, pelas diferenças entre

as facilitações. Por isso podemos falar em repetição diferencial, por se tratar de um processo que implica um diferencial de valor entre os caminhos possíveis, e esse processo é ininterrupto. As vias facilitadas, embora preferenciais em detrimento de outras, não se reproduzem como as mesmas, como cópias em relação a um modelo. É na diferença que as vias facilitadas se repetem. Desse modo, a repetição exata de um mesmo percurso é praticamente impossível por se tratar de uma rede complexa com caminhos privilegiados que se inter cruzam. Sendo a memória constituída por caminhos eles mesmos móveis, não poderia ser confundida com a reprodução mecânica e idêntica de um traço elementar concebido como imutável.

Assim, o que se repete como memória é a “diferença indiscernível e invisível entre os trilhamentos” (DERRIDA, [1967] 1971, p. 185); embora reeditando a mesma impressão e mantendo com isso o poder de trilhamento, a repetição é originária, isto é, fundante. É na e pela repetição que o poder de trilhamento/resistência se constitui e, portanto, a própria memória. Desde o início a memória se constitui pela “preferência do caminho”, portanto, pela diferença. Neste sentido é que ...”antes de qualquer tentativa de repetição do idêntico, o que ocorre é uma repetição diferencial [...] Repetição e diferença já estão presentes desde o começo”(GARCIA-ROZA, 1991, p. 206).

A magnitude da impressão, que, juntamente com a repetição, constitui a memória, é de ordem quantitativa, enquanto a repetição é de outra ordem, heterogênea à intensidade da impressão.

Por outro lado, a repetição não se apresenta como o fator qualitativo junto ao fator quantitativo representado pela intensidade da energia psíquica. Para explicar a diferença de qualidade – diferença pura –, Freud introduz a dimensão temporal por meio do conceito de período. A noção de período está presente em Freud no Projeto, como característica temporal da passagem da energia psíquica:

[...] admite que os neurônios w sejam incapazes de receber Q_h , mas que, em compensação, assumem o período de excitação e que essa sua condição de serem afetados por um período

enquanto admitem uma carga mínima de Qh, constitui a base fundamental da consciência. [...] Os desvios desse período psíquico específico chegam à consciência como qualidade (FREUD, [1895] 1976, p. 413).

A temporalidade a que se refere o período não é redutível à quantidade, e, sim, a uma temporalidade descontínua e periódica, isto é, pura qualidade, tempo puro (GARCIA-ROZA, 1991, p. 110).. A distinção qualidade/quantidade decorre da noção de período que condiciona esta polaridade. No entanto, é pela própria noção de período que tal distinção se esfumaça e que a noção de intensidade se interpõe justamente entre o que seria quantidade e qualidade.

Desse modo, o conceito de período, embora referido a quantidades, diz respeito à diferença entre essas quantidades, mudanças do ritmo temporal das alterações quantitativas. Em resumo, o período refere-se à mudança dessas grandezas num período de tempo (GARCIA-ROZA, 1991, p. 116).

Freud utiliza tal noção (período) em outros momentos a fim de esclarecer as sensações de prazer e desprazer, cuja distinção é fundamental para compreensão do funcionamento mental³.

O afeto em Psicanálise não se confunde com o termo sentimento, que designa a expressão do afeto no pré-consciente/consciente. O afeto em psicanálise é um conceito que inclui aspectos quantitativos e qualitativos. Os primeiros dizem respeito a descargas enquanto ações motoras ocorridas; os aspectos qualitativos referem-se às sensações de prazer e desprazer (e não apenas as experiências desagradáveis, conforme Freud afirmava no Projeto). Podemos, na conjugação dos aspectos quantitativos e qualitativos, considerar os afetos como puras intensidades.

As sensações de prazer/desprazer fornecidas pelo sistema perceptivo resultam da aptidão desse sistema para receber o período de excitação. Em outras palavras, as sensações conscientes de prazer/desprazer decorrem de um fator qualitativo, relacionado ao ritmo, ao ciclo temporal das alterações, elevações e quedas da quantidade de estímulo.

³ cf. FREUD (1920; 1924).

4 Concluindo...

Pensar a memória como sistema de traços que são inscritos, transcritos e retranscritos não é conciliável com a ideia de uma permanência imutável sob a forma do original. Não se trata de uma memória arquivo que iria buscar num passado estático a marca de um acontecimento vivido. Não se pode conceber, em Psicanálise, um texto que permaneça imutável como um documento a que se possa recorrer. A suposição de um texto original em relação ao qual os outros seriam cópias parte da premissa de que ele é idêntico a si mesmo, como um modelo imóvel para as cópias cada vez mais distorcidas à medida que se distanciam desse ponto primeiro, que seria o significado derradeiro dos demais. Sendo a memória entendida como diferença, o que se tem na “origem” é pura diferença, e não identidade. Desse modo, longe de se tratar de uma memória arquivo, temos em Psicanálise uma memória-duração, que persiste e insiste continuamente, nunca é a mesma (cf. GARCIA-ROZA, 1993; GONDAR, 1993).

A noção de diferença, nesse caso, não está referida a um pensamento de identidade, não sendo portanto uma noção secundária. Trata-se da diferença em si, como princípio de constituição do aparelho psíquico, a diferença como primeira, e não em relação a alguma identidade com a qual se compara.

Trata-se de uma concepção da Psicanálise em movimento, e não como um saber estanque, anacrônico. A inserção da Psicanálise no pensamento da diferença atende a uma necessidade imperiosa frente aos avanços dos tempos modernos, abrindo novos horizontes para se pensar a clínica hoje.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 1988. Edição original: 1968.

DERRIDA, J. Freud e a cena de escritura. In: **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971. Edição original: 1967.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1979. Edição original: 1895.

FREUD, S. Carta 52. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Edição original 1896.

FREUD, S. Manuscrito K. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Edição original: 1896.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Edição original: 1920.

FREUD, S. O Problema Econômico do Masoquismo. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Edição original: 1924a.

FREUD, S. Uma nota sobre o “Bloco Mágico”. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Edição original: 1924b.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e Repetição em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GONDAR, J. **Os Tempos de Freud**. Tese. Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993..

KATZ, C. S. **Freud e o caso Schreber: algumas delimitações**. Tese. (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

LAPLANCHE, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. Lisboa: Edições 70, 1987.

LAPLANCHE, J. Da Teoria da Sedução Restrita à Teoria da Sedução Generalizada. In: **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. Traumatismo, Tradução, Transferência e outros Trans (es). In: **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NACHBIN, L. **Freud e a Memória**. Monografia (Curso de Especialização em Psicanálise) - Universidade Santa Ursula, Rio de Janeiro, 1994.

Recebido em abril de 2013.

Aprovado em maio de 2013.

SOBRE A AUTORA

ANGELA COUTINHO é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). É psicanalista, membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). É docente da Universidade de Santa Ursula, onde atua no Centro de Ensino Pesquisa e Clínica em Psicanálise (Cepco) do Instituto de Psicologia e Psicanálise, e no Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia. Publicou vários artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais; ministrou aulas na França (2007 e 2008) e, atualmente, coordena Seminários de Psicanálise na SPID. Temas principais de pesquisa: Psicologia clínica e psicanálise.
E-mail: spid@unisys.com.br